

Parentalidade Musical: conhecendo a produção internacional em educação musical

GTE 24 – Sociologia da Educação musical

Comunicação

*Bruna Williena da Silva
Universidade Estadual de Maringá
bruna_williena@hotmail*

*Dra. Vania Malaguti Loth
Universidade Estadual de Maringá
vania_loth@uem.br*

Resumo: Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica referente a parentalidade no âmbito da educação musical internacional. Trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado em andamento, que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação da Profa Dra Vania Malagutti Loth. O objetivo da pesquisa é compreender as relações da parentalidade musical no viés intergeracional, envolvendo avós, pais e filhos de 5 a 7 anos de idade. O termo parentalidade é empregado no exercício da criação de filhos no âmbito familiar. Concluiu-se neste artigo, que a literatura internacional que trata sobre a parentalidade na educação musical e parentalidade musical na abordagem da psicologia vêm crescendo desde 2009, contudo no viés sociológico, ainda são poucas as pesquisas e literatura neste tema. As pesquisas indicam que parentalidade é um agente ativo no processo de aprendizado musical, de forma que interfere na escolha de repertório, gostos musicais e engajamento com a música.

Palavras-chave: Parentalidade musical; educação musical parental; educação musical internacional;

Introdução

Neste artigo apresento um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que tem como objetivo compreender o papel da parentalidade nos processos de aprendizagem musical de crianças de 3 a 5 anos. Para este texto trago parte da revisão bibliográfica na área de educação musical, centrando na produção internacional. O período contemplado foi de 2003 a 2021.

O termo parentalidade é entendido como os processos de educação, cuidados e escolhas de conduta, pelos envolvidos na criação dos filhos, seja pelos pais ou pai, mãe ou mães, ou ainda, avós, avôs ou tios – ou seja, pelo(s) adulto(s) responsável(is) pela criança.

Este termo foi citado pela primeira vez em 1930, pelo antropólogo francês Malinowski, *parentalité*. No ambiente acadêmico ele aparece a partir 1959, quando a psicanalista Tehrese Benede realizou uma pesquisa e a publicou (FERREIRA, 2011). No Brasil, “parentalidade” tornou-se conhecido em 1980 com Paul-Claude Racamier, como neologismo da palavra original francesa *parentalité*, “para enfatizar o caráter processual implicado no exercício das funções dos pais em relação aos filhos” (GORIN *et al*, 2015).

Inicialmente para esta revisão de literatura usei a combinação “*music parenting*” e “parentalidade musical” no google chrome e google acadêmico para buscar trabalhos científicos, artigos acadêmicos e publicações sobre a temática. Em seguida, ampliei para revistas específicas de pesquisa como *Journals SAGE*, *Research GATE*, *Internacional Journal of Comunity music* e *academia.edu*. O período contemplado durante as pesquisas foram de 2003 a 2021. Com isso encontrei nas buscas internacionais 17 trabalhos científicos que tratam de parentalidade musical e contribuições das relações parentais para com o desenvolvimento da musicalidade e definição de estilo musical dos filhos.

Parentalidade Musical em países da América do Norte

Por parentalidade musical, utilizei neste artigo a definição de Ilari (2017) e Lewis (2019), em que é compreendida como as “contribuições inatas ou conscientes para o ambiente musical das crianças” (ILARI, 2017, p. 4).

O termo é mencionado em 3 artigos, sendo Custodero e Green (2008), Gibson, (2009) e Ilari (2017). Quatro artigos discutem sobre as contribuições da parentalidade para a educação musical, para a aprendizagem musical e o desenvolvimento integral da musicalidade, McPherson (2009) Bornes *et al.* (2015), Uptis *et al.*, (2016) e Ilari (2019). A Parentalidade também é discutida por Werrener *et al.* (2018) e Lewis (2019) como uma prerrogativa para os interesses das crianças por determinados estilos musicais, interferindo no gosto musical.

Gary Mcpherson propôs, em 2009 um modelo com sugestões de práticas sobre as interações parentais que possui impacto na aprendizagem musical de seus filhos. O autor entende que “o estilo parental é definido como a constelação de atitudes e comunicação para com a criança e que, tomados em conjunto, criam um clima emocional em que os comportamentos dos pais são expressos” (p. 2), de forma que

Na música, os estilos e práticas parentais ajudam a satisfazer as necessidades psicológicas mais básicas das crianças. Necessidades lógicas, que são: sentir-se competente, sentir que têm algum controle sobre as escolhas a serem feitas durante o processo de aprendizagem, para sentir um forte vínculo entre seus pais e professores em um ambiente de aprendizagem não ameaçador e para desfrutar do sucesso que vem de um envolvimento significativo como resultado de uma experiência pessoal. (MCPHERSON, 2009, p. 5, tradução minha)

O autor compreende que alguns aspectos fornecem meios para desenvolver um modelo de aproveitamento das funções parentais para a prática do desenvolvimento musical, a saber: estilos parentais, que criam um clima propício para a aprendizagem; cognição parental, como a família se envolve no processo; afeto parental, que promove o desenvolvimento da autonomia, e que os alunos se sentem conectados; práticas parentais, que desenvolvem através de recursos físicos o sentimento de pertencimento; motivação, auto-crenças, auto-regulação e características socioculturais, que refere-se em como o meio movimenta a forma da educação dos filhos (MCPHERSON, 2009).

O contexto familiar pode fornecer um ambiente acolhedor para uma criança, de forma que ela possa ter uma inclinação inata para a música, portanto, existem muitas questões sobre o papel da experiência musical dos pais na criação de seus filhos (CUSTODERO; GREEN, 2003).

Custodero e Green (2003) relatam que ao pesquisar 2.250 pais de crianças de 0 a 2 anos em território americano, eles compreenderam que o grau de experiências musicais dos pais, como estudar, tocar instrumento ou cantar em coro possui uma relação direta com a experiência musical de seus filhos. Eles afirmam que as famílias tendem a explorar a prática de repertório de acordo com as próprias experiências. Outra particularidade da pesquisa, é que os pais que se lembram de suas mães cantando para eles enquanto filhos, tendem a ter uma predisposição maior para cantar para seus filhos do que as famílias que não tiveram este estímulo. Durante o parto 51% das famílias participantes da pesquisa receberam um CD intitulado *Smart Synphonies*, e as autoras concluíram que essas famílias que fizeram uso deste CD com músicas consideradas “clássicas” não tiveram uma mudança significativa na prática parental, quando comparados com as famílias que não receberam o mesmo material.

Em 2008, as autoras Custodero e Green voltaram a refletir sobre o processo de parentalidade musical versus parentalidade geral. Contudo, na continuidade da pesquisa anterior, procuraram responder questões que ficaram em aberto, como o processo geral de

parentalidade musical. Para isso desenvolveram uma coleta de dados por meio de entrevistas realizadas via telefone. O referencial teórico norteador da pesquisa foi os domínios de cuidado parental de Bornstein *et al.* (2003), que contempla o nutritivo, que refere-se aos cuidados físicos que os bebês recebem, como banho e alimentação; o material, que diz respeito aos brinquedos, eventos e formas que os pais usam para estimular seus filhos; o social, que abrange uma variedade de comportamentos que os pais usam para envolver os seus filhos em trocas interativas, e, o didático, que contempla estratégias que os pais usam para ajudar seus filhos a se entenderem no ambiente.

No que se refere à parentalidade musical, as autoras concluíram que o âmbito social apresenta ser o mais significativo para estas famílias, pois os “pais que discutiram música como cuidado social relataram que usar música era: 'uma boa maneira de criar um vínculo com seus bebês (vínculo); 'uma ferramenta de interação com o bebê '(interação); e 'uma maneira natural de acalmar e relaxar' seu bebê” (CUSTODERO, GREEN, 2008, p. 110). Sobre o papel didático da música, a pesquisa evidenciou que os pais possuem uma preocupação com a construção da autoestima, do desenvolvimento intelectual. Não foi significativo o aspecto do desenvolvimento da inteligência musical, segundo vários deles a música ajuda no desenvolvimento da criança e não a torná-la mais inteligente. A respeito do cuidado material e nutritivo, as autoras compreendem o entrelaçamento deste assunto no processo musical:

As respostas dos pais revelaram que o uso da música une esses dois componentes infantis [material e nutrição]; e também como estratégia parental que se baseia nesses recursos/configurações musicais e é empregado para facilitar o trabalho de cuidados com a criança no sentido de sobrevivência, por meio de atividades nutritivas diárias. Considerando os dois domínios juntos, as respostas dos pais focaram no uso da música como uma prática parental destinada a ajudar no bem-estar geral dos bebês necessários do cuidado do bebê: como uma ferramenta do ambiente, sendo um recurso parental e como um ambiente para cuidados (CUSTODERO; GREEN, 2008, p. 110, tradução minha)

Custodero e Green (2008) concluem que os domínios parentais de Bornstein *et al.* (2003) fornecem um contexto geral para as estratégias musicais dos pais.

Gibson (2009), em seu doutoramento na área de psicologia da Universidade de Washington, examinou como os pais criam ambientes musicais para seus filhos e os fatores que moldaram estas práticas musicais parentais. A autora através de um estudo etnográfico apresenta resultados que apontam que os pais se inspiram geralmente em repertórios que

lembram a própria infância, como canções de ninar, músicas que possuem um caráter lúdico com jogos, repertórios religiosos, canções de tradição familiar e músicas “criadas” pelos mesmos. Esta pesquisa, cujo título é “Parentalidade musical: um relato etnográfico das interações musicais dos pais e crianças pequenas”, contemplou inicialmente 50 famílias de estudantes universitários, moradores de um complexo acadêmico, com filhos de 0 até 4 anos de idade, e, para um contato mais íntimo, elegeu 6 famílias com as quais desenvolveu a etnografia. A partir destas 6 famílias, a autora observou que os pais tendem a cantar espontaneamente para seus filhos canções que eles criam, usando-as como ferramentas parentais, para diverti-los e ensinar coisas sobre rotina e habilidades diárias. A autora salienta ainda que fatores como gênero, educação, religião, e as próprias memórias dos pais de suas infâncias definiram as maneiras pelas quais os pais da comunidade residencial criaram musicalmente seus filhos. Gibson (2009) salienta, contudo, que é necessário um aprofundamento em questões de pesquisa que levem em conta as diferenças socioeconômicas destas famílias.

Barnes *et al.* (2015) realizaram uma pesquisa em dois projetos sociais de diferentes contextos, um brasileiro e outro americano. O objetivo da pesquisa, foi verificar se o fato de os programas serem em países diferentes (Brasil/Estados Unidos), haveria diferença no envolvimento parental com os alunos, no que se refere à música. A pesquisa foi realizada em uma abordagem quantitativa, usando uma metodologia específica denominada PI-HEM (*Parental Involvement and Home Environment in Music*), com 171 alunos entre os dois países, sendo alunos atuais e alunos que não fazem mais parte do projeto. Os autores constataram que a diferença foi mínima, e que embora os pais destes alunos de ambos os países se interessem por participar, faltam estratégias funcionais por parte dos professores para que o envolvimento seja mais efetivo.

Upitis *et al.* (2016) realizaram uma *self-report survey*, visando explorar assuntos pertinentes à educação dos filhos versus o progresso musical, a relação professor-aluno, o ambiente de prática domiciliar e o comportamento dos pais frente as aulas práticas. O levantamento foi feito no Conservatório Real do Canadá, o que rendeu 2583 retornos para análise. Os resultados indicaram que os pais estavam “profundamente envolvidos” (p. 2) no processo de educação musical de seus filhos, refletindo em um compromisso, apoio e respeito aos alunos, de forma a cooperar em música possivelmente mais regulados.

Sobre o termo parentalidade musical, Ilari (2017) constatou que a maioria das pesquisas nesta temática foram realizadas com ocidentais de classe média. Em segundo lugar, a autora entende que as pesquisas existentes sobre parentalidade musical foram, em certa medida, influenciadas pelos pesquisadores, principalmente as que envolvem visitas domiciliares. Em suas palavras: “a entrada em uma casa significa colocar-se no espaço privado da família com sua intrincada teia de relações interpessoais e funções, hábitos e atividades” (Ilari e Young, 2016 *apud* ILARI, 2017) e isso implica em sérias questões éticas em termos de privacidade do participante e anonimato. Em terceiro lugar, a pressão que pode ter sido colocada aos parentais (pai e mãe) para desempenhar suas funções corretamente, pode de certa forma ter afetado as respostas em pesquisas e entrevistas anteriores. Em quarto lugar, a maioria das pesquisas sobre parentalidade musical conduzidas até agora foram centradas predominantemente na figura materna, com poucas informações disponíveis sobre as cognições dos pais e comportamentos.

As pesquisas até então vem apontado para formas de estabelecer a cooperação dos pais em relação às aulas de música, medindo também a “eficácia” de métodos que instituem a participação dos pais como agente motivador. Contudo Werrener *et al.* (2018), buscaram compreender e explorar a forma que os estilos parentais influenciam no gosto e nas preferências por determinados estilos musicais. O questionário da pesquisa foi respondido por 336 australianos, e a análise foi realizada a partir dos cinco grandes traços de personalidade discutidos principalmente na psicologia – extroversão, neuroticismo, empatia, abertura para experimentar e consciência – associados a diferentes estilos musicais. Os pesquisadores concluíram que existem três aspectos específicos da parentalidade, como estilo, o permissivo, o autoritário ou a autoridade. Estes possuem uma relação com o desenvolvimento do “gosto musical” e é preponderante para a escolha de determinados estilos musicais, no entanto, os autores entendem que este é apenas o início de uma investigação que precisa ser aprofundada.

Em 2019, o *Internacional Journal of Community Music*, lançou um número com artigos sobre parentalidade e educação musical. No que se refere ao termo parentalidade, selecionei três artigos para apresentar neste texto: Lewis, 2019; Rodriguez, 2019, e, Ilari *et al.*, 2019. Os textos foram escolhidos pela sua proximidade com o tema da minha pesquisa em andamento.

No jornal mencionado, Lewis (2019), discute particularmente a questões sobre a música popular americana e suas implicações com a parentalidade. Nesta pesquisa de abordagem qualitativa, a autora examina a maneira como pais e filhos compartilham a música popular. Através de entrevistas semi-estruturadas com 5 famílias, ela chegou à 5 temas emergentes na análise dos dados: 1. Mutualidade – onde os pais e filhos interagem em um nível mútuo e ambos são iniciadores em experiências positivas, 2. Agência – um comportamento inconsciente de comunicação entre pessoas (ARBOLEYA, 2013), 3. Criticidade – diálogos com colocações de opiniões próprias de forma respeitosa, 4. Criatividade – sugerir mudanças de forma diferente, 5. Multimodalidade – as mais variadas formas de comunicação, levando em conta a tecnologia também. E destaca que os compromissos da música popular entre pais e filhos são uma parte importante desta relação, de forma que desenvolvem respeito mútuo, fortalecimento das próprias identidades e comunicação crítica.

Rodriguez (2019) desenvolveu um estudo de caso múltiplo, com pais e mães de crianças entre 1 mês a 3 anos de idade, que frequentam um ambiente de educação musical para bebês a partir da *Midwestern United Estados*. A autora, para realizar a pesquisa, questionou sobre os objetivos dos pais e a motivação que os levam a proporcionar estas atividades às crianças. É interessante que os resultados da pesquisa, demonstraram que os pais buscam a aula de música por conta das experiências positivas com música que tiveram enquanto alunos e filhos, e este é o principal motivo para levar os próprios filhos à aula de música.

Ilari *et al.* (2019) no mesmo intuito que a pesquisa de Rodriguez (2019), mas de forma longitudinal acompanharam por cinco anos o desenvolvimento da personalidade e habilidades socioemocionais das crianças de uma área de vulnerabilidade econômica de Los Angeles. Os pais que contribuíram com a pesquisa, responderam anualmente durante este período, um questionário sobre o desenvolvimento dos filhos e depois de quatro anos, os pais de crianças envolvidas avaliaram seus filhos no traço de personalidade e estabilidade emocional. Os resultados indicaram que houve a diminuição do índice de agressão e de hiperatividade em comparação com crianças não envolvidas em um programa sociocultural.

A partir do que foi exposto, é interessante observar que autores como McPherson (2009), Barnes *et al.* (2015) e Upitis *et al.* (2016) refletem sobre como as interações, modos e estilos parentais podem ou não corroborar com o processo de aprendizado musical e que independente do país, a influência parental não parece acontecer de forma diferente (BARNES

et al., 2015). Sobre os motivos que levam os pais a optarem por aulas de música, os autores Gibson (2009) e Rodriguez (2019) mencionam que as memórias positivas e musicais sobre a própria infância é o mais impactante a escolherem as aulas de música para seus filhos.

A parentalidade musical enquanto campo de pesquisa é um tema relativamente novo na área de educação musical, mas, Custodero e Green (2003; 2008), Ilari (2017) e Ilari *et al.* (2019) discutem prerrogativas sobre a educação musical que acontece paralelamente ao processo de parentalidade das famílias envolvidas, no qual denominam como parentalidade musical.

Sobre estilos musicais, autores como Gibson (2009), Werrener *et al.* (2018) e Lewis (2019) discutiram sobre o entrelaçamento dos estilos de repertório musicais do pais e mães e se de certa forma influenciavam ao desenvolvimento do gosto musical de seus filhos, e embora tenha uma contribuição dos pais, os filhos fazem escolhas por si próprios sobre os estilos musicais que preferem.

Parentalidade musical em Portugal

Nota-se que a parentalidade vem sendo objeto de estudo de algumas pesquisas das universidades de Portugal: Alvez, 2012; Leal, 2013; Campos, 2015; Duro, 2017; Bastos, 2017. Todas as pesquisas são em nível de mestrado profissional de programas diferentes.

Destaca-se que embora todas as pesquisas estejam situadas no mesmo país e discutindo temas muito parecidos, os pesquisadores não referenciam na bibliografia as pesquisas já realizadas anteriormente. Alvez (2012) e Leal (2013), em suas pesquisas, discutiram o envolvimento parental em uma escola de música, se concentrando nos alunos das séries iniciais. Já Campos (2015) e Bastos (2017), se propuseram a pesquisar sobre o envolvimento dos pais no processo de aprendizagem musical de um instrumento em um contexto de aula particular de música. Diferente das pesquisas já mencionadas, Duro (2017) apresenta especificamente a percepção dos pais sobre o envolvimento parental nas aulas de música.

Alvez (2012) desenvolveu uma pesquisa a partir de alguns questionamentos que permearam sua vida profissional enquanto coordenadora e gestora de uma escola de música pública em Braga. Através de um estudo de caso que objetivou compreender como uma escola integralizadora com ensino de música promove um envolvimento parental, a autora constatou

que o envolvimento das famílias, muito se deve a diversos fatores como: nível socioeconômico, comunicação direta com a família, estratégias usadas pelos professores para promover um engajamento e participação mais efetiva das figuras maternas. Contudo, a autora em diversos momentos se mostra contraditória em seu estudo, visto que ora apresenta que a parceria e comunicação da escola, família e professores possuem um papel efetivo, e, em outros momentos afirma que “os professores não permitem que o papel dos pais vá muito para além do que a própria participação em outros projetos concebidos e elaborados pelos próprios professores” (p. 173).

Uma pesquisa no mesmo viés foi desenvolvida por Leal (2013) em outro programa de mestrado. Esta buscou compreender como a relação família e escola acontece, para além da percepção das famílias sobre o ensino especializado de música e sobre o envolvimento parental, a autora quis identificar as modalidades de colaboração entre as famílias, escola e professores. Esta pesquisa foi realizada em um conservatório regional com sete participantes. De natureza qualitativa, a pesquisa, constatou que a maioria das famílias não conhecem profundamente este tipo de ensino especializado de música, o que dificulta a compreensão do que é necessário para auxiliar os filhos no processo de aprendizagem musical, no entanto estes consideram muito importante este envolvimento parental.

É interessante que nas pesquisas que já sugerem a temática de parentalidade no título e no objetivo do trabalho, no decorrer da metodologia, do referencial teórico e dos resultados, tomam outras direções, focando nas relações família e escola e se desviando do aspecto inicialmente proposto.

Na Universidade de Minho, Campos (2015) buscou validar a “eficácia do envolvimento parental no desenvolvimento de competências funcionais como uma estratégia motivacional para o estudo” (CAMPOS, 2015, p. 5). Através de questionários, visitas orientadas pelo professor aos pais e um guia denominado parental realizado com duas famílias e dois alunos de 11 anos de idades, o pesquisador e também professor destas crianças, buscou criar ferramentas que pudessem melhorar o envolvimento parental. As famílias, neste caso a figura paterna, participou de aulas dos alunos e recebeu um material impresso sobre formas de colaborar no estudo e na prática em casa. A pesquisa revelou que os pais gostaram bastante da abordagem e notaram uma mudança nas atividades dos filhos em casa, mas os filhos se sentiram “pressionados” com a presença muito próxima da família durante seus estudos.

Bastos (2017) objetivou, em seu relatório de estágio do programa de mestrado, refletir sobre os mesmos tópicos da pesquisa anterior (CAMPOS, 2015), mas tendo como colaboradores dois alunos de fagote, em uma escola de música na modalidade de educação básica. A pesquisadora propõe um guia com orientações para professores e famílias que podem vir a cooperar no processo de ensino e conclui sinteticamente afirmando que o acompanhamento parental é crucial no desenvolvimento das atividades musicais dos filhos.

Sobre o acompanhamento parental que foi discutido entre os autores anteriores, Duro (2017) conclui que o envolvimento é maior por parte dos pais/mães que acompanham os alunos até a escola, e que o outro responsável principal aparece apenas como um companheiro, sem desempenhar uma função no processo de educação musical. Esta pesquisa, que recolheu os dados através de questionários onde a família e os professores responderam, buscou compreender a relevância dada pelos pais/cuidadores de educação e professores no acompanhamento parental dos alunos de música.

Considerações

Este texto apresentou um recorte da minha pesquisa de mestrado, especificamente uma revisão de artigos, teses e dissertações sobre a parentalidade na produção científica da área da educação musical internacional.

Estas pesquisas indicam que o conhecimento musical é construído à medida em que a família e suas relações com as crianças também são construídas. Os autores discutem sobre como as diferentes formas de exercer a parentalidade influenciam na escolha de repertório e formação de gosto musical dos filhos e sobre os motivos que levam as famílias buscarem atividades de música. Dentre as constatações está de que as experiências positivas dos pais com a música interferem diretamente na maneira como eles conduzem a relação de seus filhos com a música. Constataram ainda que etnias diferentes não interferem nos resultados da aprendizagem musical e participação parental.

Outro ponto interessante, foi que algumas das pesquisas apresentadas, salientaram sobre os benefícios no desenvolvimento das habilidades socioemocionais e musicais por parte das crianças, quando estas são acompanhadas pelos pais.

Pesquisas sobre parentalidade na educação musical vêm crescendo desde 2009, o que é considerável para a literatura em educação musical brasileira e internacional. Mas, até

então poucas pesquisas tiveram como enfoque a parentalidade na educação musical sob o viés da sociologia (destaco somente LEWIS, 2019, nesta abordagem), centrando-se quase sempre na psicologia da educação musical. E neste sentido, é pertinente estudos que tenham como foco o eixo sociológico da parentalidade nos processos de aprendizagem musical.

Referências

- ALVEZ, Maria das Dores Barbosa da Silva Braga e. *Envolvimento parental numa escola de música de ensino integrado*. Tese de doutorado. Universidade Católica portuguesa. Braga: 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13759/1/tese%20Final%20Nei%20sem%20a nexos.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- ARBOLEYA, Arilda. Agência e estrutura em Bourdieu e Giddens pela superação da antinomia “objetivismo-subjetivismo”. *Sociologias Plurais*, v. 1, n. 1, 2013.
- BASTOS, Ana Isabel Vieira Alvez Queirós. *A importância da parentalidade na fase inicial ao estudo individual do fagote*. Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Música. Politécnico do Porto. 2017. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/10159/1/Ana_Bastos_MEM_2017.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- BARNES, Gail V; FREITAS, Aureo de; GREGO, John. Parental. Parental involvement and home environment in music: current and former students from selected community music programs in Brazil and the United States. *Internacional Journal of Music Education*. University of South Carolina. Estados Unidos: 2015. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0255761415619057>>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- BORNSTEIN, Robert F. et al. Construct validity of the Relationship Profile Test: A self-report measure of dependency-detachment. *Journal of Personality Assessment*, v. 80, n. 1, p. 64-74, 2003.
- CAMPOS, Nuno Jorge Pinto Guimarães Ribeiro. *O envolvimento parental como estratégia pedagógica no ensino especializado de música – um estudo com alunos de contrabaixo*. Dissertação de mestrado. Universidade de Minho: 2015. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/44112?locale=es>>. Acesso em: 09/08/2021.
- CUSTODERO, L; JOHSONN-GREE, E. Passing the cultural torch: musical experience and musical parenting of infants. *Journal of Research in Music Education*, 2003.
- CUSTODERO, L; JOHSONN-GREE, E. Caregiving in counterpoint: Reciprocal influences in the musical. *Journal of Research in Music Education*, 2008.
- DURO, Alexandra Pires. *A percepção dos pais e professores sobre o envolvimento parental em Estudantes de música*. Dissertação de Mestrado. Alameda: 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/fQfvBkfRhymjxNv5NTs4VBG/?lang=pt>>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- FERREIRA, Susana Isabel Atalaia. *A parentalidade em contexto de recomposição familiar: O caso do padrasto*. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa (Portugal).

LEAL, Liliane Marisa Alves. *Relação família-escola: o envolvimento parental no ensino especializado de música*. Dissertação de mestrado. Universidade Católica Porto: 2013.

Disponível em:

<<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/14715/1/Resumo%20tese.pdf>>. Acesso em: 09/08/2021.

ILARI, Beatriz. Musical parenting and music education: Integrating research and practice. *Update: Applications of Research in Music Education*, v. 36, n. 2, p. 45-52, 2017.

ILARI, Beatriz; PEREZ, Pricila; HABIBI, Alison wood and assal. *The role of community-based music and sports programmes in parental views of children's social skills and personality*. *International Journal of community music*. Australia: 2019. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/330929569_The_role_of_community_based_music_and_sports_programmes_in_parental_views_of_children's_social_skills_and_personality>. Acesso em: 9 ago. 2021.

GIBSON, Rachel E. *Musical parenting: an ethnographic account of music interactions of parents an young childrens*. Tese de doutorado. Universidade de Washinton. United States: 2009. Disponível em:

<<https://www.proquest.com/openview/71d72aefbc92374cb546f6507acf5d80/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>>. Acesso em: 9 ago. 2021.

GORIN, Michelle Christof et al. O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, v. 16, n. 2, p. 3-15, 2015.

MCPHERSON, Gary E. *The role of parents in children's musical development*. *Psychology of Music*, v. 37, n. 1, p. 91-110, 2009.

RODRIGUEZ, Adrienne M. Parent's perceptions of early childhood music participation. *International Journal of community music*, Australia: 2019. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/330933443_Parents'_perceptions_of_early_childhood_music_participation>. Acesso em: 9 ago. 2021.

UPITIS, Rena; ABRAMI, Philip C; Brook, Julia; King, Mathew. Parental involvement in children's independent music lessons. *Music Education Research*, Australia, 2016. Disponível em:

<<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14613808.2016.1202220?journalCode=cmue20>>. Acesso em: 9 ago. 2021.

WERRENER, Emyli; KRAUSE, Amanda E; NORTH, Adrian C. Parenting Style as a predictor of music preference. *SAGE Journals*. Austrália: 2018. Disponível em:

<<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0305735618816173?journalCode=poma>>. Acesso em: 9 ago. 2021.